

Homossexual demitido do metrô ^{DF}recorre à Justiça

Ex-funcionário diz que foi dispensado por preconceito, mas a empresa nega

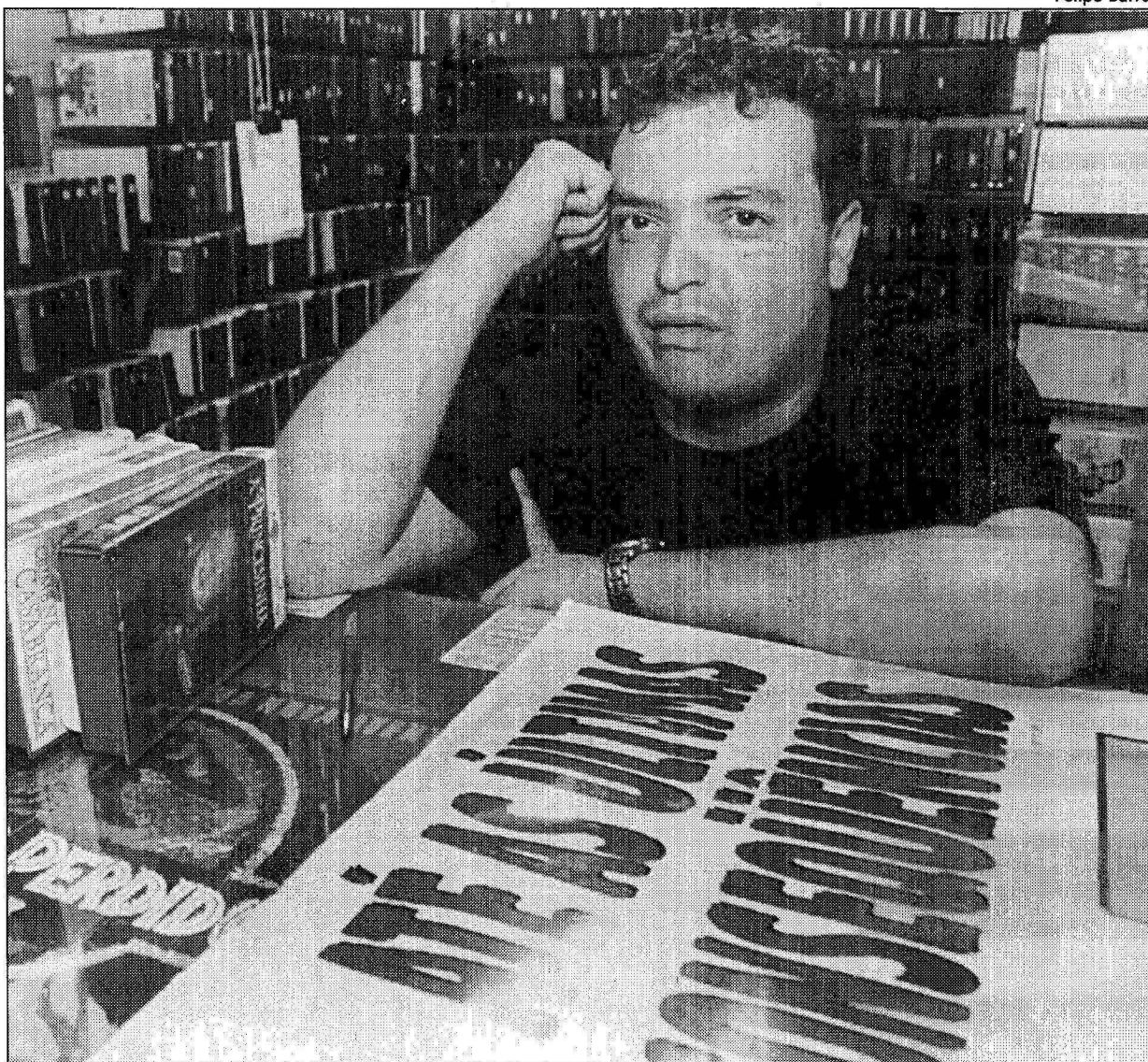
DANIELA MENDES

Fernando Moreira Barbosa, 21 anos, ex-funcionário do Metrô-DF, acusa a empresa de tê-lo demitido por preconceito sexual. Em novembro de 1997, Fernando ingressou nos quadros funcionais do Metrô. Ele havia passado no concurso de 94 para o cargo de Agente de Estação. Após três meses de estágio probatório, de acordo com relatório do Metrô, Fernando foi demitido por falta de assiduidade, participação, interesse e postura. Homossexual declarado, ele não concordou com a justificativa da empresa e entrou com uma ação na Justiça, pedindo reintegração ao quadro de funcionários e indenização por danos morais.

O Metrô nega as acusações e afirma que, como Fernando, outras pessoas também foram demitidas, após o resultado do período de treinamento, por não se adequarem ao perfil procurado pela empresa. Segundo a assessoria de imprensa do Metrô, as faltas e atrasos do funcionário foram decisivas para a dispensa. O rapaz assume que faltou, mas garante ter justificado as faltas e atrasos aos seus superiores. Segundo Fernando, uma amiga sofreu um acidente de carro quando estava voltando do Rio de Janeiro e ele foi prestar o socorro. "Nos outros dois dias de curso, eu me atrasei porque fiquei dando uma força para minha amiga", explica.

Outra versão

Uma colega de turma de Fernando, que não quis se identificar, conta uma história diferente. Para ela, Fernando sabia



Fernando Moreira Barbosa, 21 anos: "Faltas e atrasos foram justificados aos meus superiores"

que ia ser demitido. "Ele faltou uma vez e chegou dois dias atrasado na semana de avaliação do curso, além de mexer com os colegas, fazendo brincadeiras inconvenientes. Uma vez, ele ganhou uma cobra e colocou o nome de Glauber, que era o nosso chefe de estação. Quase todos os dias, ele era chamado para falar com a pedagoga", afirma a colega, que descarta qualquer possibilidade de demissão do rapaz por preconceito sexual. "Lá no Metrô tem muito homossexual e ele sabe disso".

O que levou Fernando a acreditar que sua demissão foi por preconceito sexual foi uma conversa com o chefe da estação, Glauber, após ter recorrido a todas as instâncias, dentro da empresa, para tentar reverter a situação. Ele contou para Glauber que estava desconfiado de preconceito e a resposta do chefe foi positiva. Segundo Fernando, Glauber disse que tinha ouvido uns comentários. O **Jornal de Brasília** fez contato com o Glauber e ele se disse desautorizado pela empresa a conversar

com a imprensa sobre o assunto.

A advogada de Fernando, Amélia Maria Junger Cestari, entrou com uma ação indenizatória contra o Metrô, na quarta-feira da semana passada. A audiência inaugural, onde são ouvidas ambas as partes, deve acontecer no máximo em dez dias. Em seguida, em outra audiência, a advogada pretende ouvir, em juízo, algumas testemunhas da conversa de Fernando com o chefe de estação.

Felipe Barra